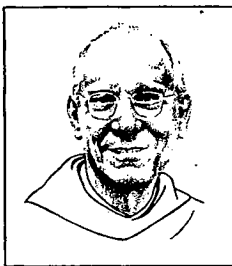


Costuma-se dizer que cultura é aquilo que fica em nossa mente, depois que esquecemos o que havíamos aprendido na escola. A afirmação é feita, quase sempre, em desapeço para o aprendizado escolar, querendo significar que as coisas aprendidas, nessa ocasião, são mecanismos ou informações memorizadas, sem alcance prático e, assim, inteiramente inúteis. Sobrecarga que deve ser esquecida o mais cedo possível.

Na verdade, entendida com um pouco mais de lucidez, com um olhar mais atilado, ela exprime, embora em contraste meio esquemático, a admirável função cultural da escola de crianças e adolescentes: cultura é realmente o que fica do aprendizado escolar. Mas o que fica, não como algo lateral e concomitante, sim como produto ou frutificação amadurecida da matéria tratada nas salas de aula. É aprendendo Capitânias Hereditárias, Mem de Sá e D. João VI que se forma o espírito cívico e a estima (o amor) pela pátria. É aprendendo mecanismos matemáticos, que a máquina de calcular vai esvaziar de qualquer utilização prática visável que se apura o senso lógico e se aviva o raciocínio. É decorando vocabulário e submetendo Camões à aparente agressão da análise lógica que o homem se torna mais homem — Homo sapiens — isto é, que ele dá vigor e plenitude à palavra e à linguagem e, por meio delas ou dentro delas, à faculdade de pensar. É aprendendo filosofia (o mais inútil dos conhecimentos), as regras do raciocínio que se chega à mente sadia. E que falar da língua estrangeira?

Nem tudo, diz o filósofo, se ensina na



A malandragem infantil é tratada com severidade irreal

faz diretamente. É subindo por picadas pouco ensolaradas da floresta, que se chega ao sol claro do cume da montanha. Refiro-me à tão falada formação para a cidadania. Não há quem não sinta que há necessidade de um cuidado atento na formação para a cidadania. Entretanto, toda a tentativa de criar uma disciplina específica — chame educação cívica ou ensino da cidadania — tem acabado ou acaba num estudo estéril de cânticos ou símbolos patrióticos quando não se desvia para o mais grave: a imposição conscientizadora daquilo que o chefe pensa, cuja consequência é a redução do “cidadão” a um escravo orgulhoso de o ser. A cidadania se aprende e precisa ser aprendida, mas não pode ser ensinada como uma disciplina. É estudando história, filosofia social ou a estrutura de um governo democrático, o que é uma lei, é, sobretudo, estudando o homem, a sua índole social, as suas postulações éticas naturais e o seu relacionamento com Deus, que se chega a homem capaz de viver e exigir a nobreza da cidadania.

Outro aspecto dessa tendência perversa a diminuir a sala de aula é a de

escola, mas tudo se aprende, ou, ao menos, se começa a aprender. Não se ensina a amizade, a intuição, a sabedoria, mas é ensinando matemática e geografia que se aprende o amor e a amizade; é aprendendo Machado de Assis que se abre a mente para os vãos intuitivos; é aprendendo de todas essas coisas esquecíveis e, não raro, penosas, que se sobe à sabedoria.

Há um tema muito em foco, nestes dias, que pode ajudar-nos a perceber que esse aprendizado das coisas mais altas não se

colocar em ridículo a postura grave do professor. Essa prática corrosiva põe em risco essa riqueza da comunicação humana, em que os mais velhos ajudam os mais moços a conquistarem à sua plenitude, que é o trabalho escolar. E o aprendizado escolar é posto em ridículo e tido por inútil. A ninguém escapa que, seja por limitação dos participantes, desgaste da rotina, não faltam defeitos na sala de aula. Se há aspectos merecedores da crítica, investir contra a própria obra, não só é injusto mas enfraquece um serviço sem o qual a cultura não vem e o homem, animal da cultura, não chega a ser homem.

A conclusão a que nos conduzem estas reflexões não se limita ao reconhecimento de que Aristóteles tinha razão quando dizia que o aprendizado das coisas inúteis é sumamente útil. Nem se esgotaria com uma explicação de que as coisas inúteis — a cultura, por exemplo (nada mais inútil) — são úteis, não só como portadoras de alegria mas porque é por aí que o homem conquista a sua plenitude humana, sem a qual, não haverá o bom jurista ou o bom médico.

Há um veneno desumano nessa falta de apreço para o aprendizado escolar fundamental e médio. É o veneno utilitarista e pragmatista. Em vez de colocar como meta a formação do homem, de sua mente sadia e descortinada, para que se torne um ser livre e tenha o trabalho como um desdobramento disso, pensa-se na preparação direta para um emprego, graças a uma habilitação manualista. Além de reduzir o homem a um “torcedor de parafusos”, como Carlitos nas “Luzes da Cidade”, fechando o seu horizonte às grandezas do pensamento e da beleza, essa orientação é contraproducente mesmo na direção ao prático ou utilitário. O trabalho humano não é um trabalho animal, mas um trabalho criativo que, ao contrário do robô, flui de uma inteligência que lhe dá vida e o torna jubiloso. Além

disso, no mundo de hoje, em constante mutação, só a cultura e a formação básica permitem a adaptação a novos modelos e capacitam para a atualização permanente. Num tempo em que as novas profissões ou novas técnicas surgem, a cada instante, e outras tantas se extinguem, o utilitarismo conduz ao vazio e a preparação para o emprego acaba no desemprego.

Vem a propósito fechar estas reflexões referindo-me a uma forma muito espalhada de apresentar a convivência professor/aluno, na sala de aula: uma espécie de teatro de rigidez artificial, desmedida e fingida. Toma-se como sério e vultoso episódios normais da vida infantil. A malandragem infantil é tratada com severidade irreal. Ainda há dias, um jornal apresentou, com destaque, um poema em que o pretendido poeta não só se queixa de ter sido premidido, na escola, a decorar as capitânias hereditárias (talvez devesse queixar-se ou nós poderíamos queixar-nos daquele que o ensinou a escrever, permitindo-lhe o poema), mas critica a escola que o puniu por ter colado, por não ter feito o dever, por não querer ir à aula ou por não ter querido estudar. “Eu quero jogar botão, videogame, bola de gude”, “eu não quero sair da minha cama”. Acha o poeta que nada disso devia ser tido como motivo de punição. Ridiculariza ou quer ridicularizar o mestre porque deu-lhe zero ao surpreendê-lo colando. Que tem colar? Que tem não fazer o dever? Esquece-se de que é aproveitando as pequeninas coisas que se vai criando o senso de responsabilidade, que é corrigindo os pequenos erros que se forma o senso moral, o senso do certo e do errado e se evitam os grandes erros. A tolerância generosa para a malandragem infantil é a raiz do grande irresponsável.

■ Dom Lourenço de Almeida Prado é reitor do Colégio São Bento (RJ)